

A AGRICULTURA

EM SÃO PAULO

CONTÉ O SEU ÍNDICE DE PREÇOS DE PRODUTOS AGRÍCOLAS

Sumário:

AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ NA SAFRA 1955/56 E A SONEGAÇÃO CAM BIAL	1
----------------------------------------------------------------------------------	---

PREÇOS MÍNIMOS PARA A SAFRA DE 1956/57	4
----------------------------------------------	---

MERCADO DE CAFÉ: Novas altas nas cotações-Intenso o movimento de negócios-Aumentam as exportações de café-Situação nos E.U.A.: Importação, consumo e estoque-Posição estatística no Brasil em 30/6. Estimativa da safra 1956/57-Regulamento de embarques para a safra 1956/57	18
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

MERCADO DE ALGODÃO: Estáveis os preços mundiais-Mudança na política algodoeira norte-americana-Altas no mercado de São Paulo-Movimento de negócios em São Paulo-Continuam intensas as exportações-Classificação da atual safra-Algodão em caroço: preços e entradas máquinas	20
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

MERCADO DE CEREAIS: Alta nos preços do milho-Continuam a alta nos preços de arroz	24
-----------------------------------------------------------------------------------------	----

Situação da Avicultura	25
Situação da Pecuária	29
Situação da Lavoura	34

A N O VI
Nº 7

JULHO DE 1956	ESTATÍSTICAS: Preços médios no Interior-Importação e Exportação por Santos	39
---------------	----------------------------------------------------------------------------------	----

Julho de 1946

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

Boletim da Subdivisão de Economia Rural

Rua Anchieta, 41 - 10º andar, Caixa Postal, 8088

São Paulo - Brasil

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Chefe: Eng.º Agr.º Buy Miller Paiva

S E C Ç Õ E S

Política da Produção Agrícola

- Eng.º Agr.º C.C.Fraga, chefe
- Eng.º Agr.º Salomão Schattan
- Eng.º Agr.º Milton N. Camargo
- Eng.º Agr.º Ismar F. Pereira

Mercados e Preços

- Eng.º Agr.º Rubens A. Dias, chefe
- Eng.º Agr.º Mauro S. Barros

Organização e Administração Rural

- Eng.º Agr.º O.J.T. Etori, chefe
- Eng.º Agr.º F.S. Gomes Junior

Previsão de Safras e Cadastro

- Eng.º Agr.º Mario Zaroni, chefe
- Eng.º Agr.º Oswaldo B. Costa

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Eng.º Agr.º Mario D. Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Eng.º Agr.º José Cassiano Gomes dos Reis

SECRETARIA DA AGRICULTURA

do

Estado de São Paulo

 AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ NA SAFRA 1955/56 E A
 SONEGAÇÃO CAMBIAL

A safra comercial de café de 1955/56 ao terminar em 30 de junho último, apresentou um dos maiores movimentos de exportação, perto de 17 milhões de sacas. Na história do café encontram-se somente três safras comerciais em que as exportações foram inferiores a esta: as de 1906/1907, 1930/31 e 1948/49. No quadro I apresentamos dados relativos ao volume e valor do café brasileiro embarcado nas últimas 6 safras. Por aí se observa que exportou-se em 1955/56 bem mais café que nos últimos anos. Como se sabe, na safra anterior, devido à sensível diminuição que se verificou no consumo dos principais países foram bem reduzidos os embarques brasileiros de café.

Quadro I
 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ

SAFRAS COMERCIAIS	EXPORTAÇÃO Sacas de 60 quilos	VALOR Cr\$ 1.000	VALOR MÉDIO Cr\$ por saca
1950/51	16 592 765	19 337 596	1 165
1951/52	16 332 965	19 398 894	1 188
1952/53	14 968 382	18 489 924	1 235
1953/54	14 324 629	24 456 899	1 707
1954/55	10 795 677	26 128 559	2 420
1955/56	16 969 721	36 395 066	2 145

Fonte: I.B.C.

Na safra de 1955/56, os maiores compradores do café brasileiro foram os Estados Unidos que adquiriram 10 381 296 sacas, representando 61% de nossas vendas, seguidos da Alemanha (816 952 sacas), Suécia (698 367 sacas), França (634 736 sacas), Argentina (529 485 sacas), Finlândia (510 877 sacas) e Itália (484 455 sacas). Esses sete países compraram, pois, cerca de 83% do nosso café nessa safra.

O valor em cruzeiro de nossas exportações de café vem aumentando ano após ano, tendo na última safra alcançado a expressiva soma de 36,4 bilhões de cruzeiros. No entanto o aumento no valor total verificado na última safra -39,2% - foi inferior ao constatado na quantidade exportada - 57,2% -, isso por

que o valor médio da saca que vinha igualmente acusando contínuos aumentos, diminuiu na safra de 1955/56, pois foi de 2 145 cruzeiros; depois de ter sido de 2 420 cruzeiros na safra precedente. Isso é em parte devido à queda que se verificou nas cotações do café brasileiro. O valor das exportações realizadas por Santos alcançou a pouco mais de 19 bilhões de cruzeiros, sendo que o valor médio da saca embarcada pelo porto paulista foi em 1955/56 de 2 399 cruzeiros (Cr\$ 2 588,00 na de 1954/55).

Quanto ao valor da exportação em dolares, as mudanças ocorridas este ano mostram-se bastante significativas. As exportações de 1955/56 carregaram para o nosso país divisas equivalentes a 995 milhões de dolares, quantia essa superior em parte de 170 milhões de dolares ao correspondente às exportações da safra anterior. Houve no entanto, uma queda bem pronunciada do valor médio em dolares da saca exportada. Assim, esse valor que tinha alcançado a 76,56 dolares por saca na safra de 1954/55, caiu a 58,64 dolares na última safra, constatando-se pois uma queda de quase 18 dolares por saca.

Considerando somente o café embarcado por Santos constata-se que o valor médio na safra 1955/56 foi um pouco maior - 64,40 dolares por saca -, sendo que o café enviado aos Estados Unidos da America por esse porto alcançou um valor médio avaliado em 61,38 dolares por saca.

É interessante acrescentar que o café Santos, tipo 4, foi cotado no mercado disponível de Nova Iorque nessa safra a 56,07 "cents" por libra (média ponderada de acordo com as exportações mensais por Santos), o que corresponderia, a grosso modo, a um valor FOB-Santos de 70,80 dolares por sacco. Embora possa se admitir que a média de café embarcado pelo porto paulista não corresponda exatamente ao café estilo Santos, tipo 4, grande parte daquela diferença - 9,40 dolares por saca - pode ser atribuída aos subfaturamentos que vêm tornando praxe em nosso meio exportador.

Infelizmente não se pode dispor de estatísticas fidedignas a respeito do tipo e da qualidade do café embarcado pelos diversos portos. A que o I.B.C. publica é baseada na declaração de venda dos exportadores, não sendo portanto real, pois é pelo rebaixamento do tipo e bebida declaradas que se processa grande parte dos subfaturamentos. Isso torna praticamente impossível um cálculo preciso e irrefutável do montante sonegado.

No entanto, se admitirmos que a média do café exportado por Santos tenha sido do tipo 5/6 e uma vez que esse café sofre um deságio sobre o tipo 4 de aproximadamente 2,20 "cents" por libra, teríamos que o subfaturamento médio, feito em Santos

referente aos embarques destinados aos Estados Unidos, atingiria a cêrca de 6,50 dolares por saca de café.

E, então, teríamos tido uma evasão de divisas da ordem de aproximadamente 34 milhões de dolares. somente no casos dos embarques de café feitos pelo porto paulista e destinados aos Estados Unidos. E, se supuséssemos que os subfaturamentos praticados nos outros portos fossem feitos em bases idênticas, o total da evasão de divisas, relativa as exportações da safra 1955/56, atingiria a impressionante cifra de 110 milhões de dolares. E essa hipótese pode ser confirmada no caso das exportações de Vitória, pois o café que sai por esse porto não pode ser de qualidade inferior, pois é cotado na base do tipo 7/8 e bebida Rio. O valor médio do café embarcado por Vitória e enviado aos Estados Unidos durante a safra de 1955/56 foi de 31,29 dolares por saca, enquanto que o correspondente - FOB-Vitória - às cotações médias vigentes naquele país durante o mesmo período foi de 38,28 dolares por saca. A diferença nesse caso - 7,00 dolares por saca - só poderia corresponder ao subfaturamento.

Com referencia aos embarques, pelo porto do Rio, um cálculo desse tipo é praticamente impossível de ser feito, pois ao lado dos cafés de bebida Rio aí exportados, são embarcados cafés finos do Sul de Minas e mesmo do Estado de São Paulo. Isso faz com que o subfaturamento médio por saca possa ser feito em bases ainda maiores que nos dois exemplos apontados, elevando portanto á ainda maiores cifras o total de 110 milhões de dolares que foram acima calculados.

Outro aspecto a ser considerado, é que parte do total sonegado fica em poder dos intermediários do "outro lado" como compensação do negócio fraudulento. A outra parte vem para nós se país constituindo, talvez, a principal fonte supridora do mercado livre de moedas estrangeiras.

É grande pois o prejuízo que essas sonegações trazem á nossa receita cambial. Adotando-se apenas o valor mínimo acima calculado, já se chega a conclusão que o desfalque correspondente a cerca de 10% do valor em dolares das exportações de café. Confrontando-se com outros produtos, constata-se que é superior ao montante das divisas conseguidas pela exportação de cacau no ano de 1955 (103 milhões de dolares) e apenas pouco inferior ás do algodão (131 milhões) que são os outros mais importantes produtos de nosso comércio externo.

PREÇOS MÍNIMOS PARA A SAFRA DE 1956/57

Considerações Gerais:- Qualquer previsão que se tente fazer a respeito da resolução dos agricultores em relação aos cultivos que irão explorar na próxima safra é, presentemente, muito aleatória. Com efeito, além dos fatores que habitualmente afetam a referida previsão como sejam:- comportamento dos preços na safra anterior, transcurso do tempo, divulgação dos preços mínimos, perspectivas do mercado internacional, etc., este ano assinala a presença de dois outros, isto é, o novo salário mínimo e o grande prejuízo que representou o ano de 1955/56 para a produção de muitos dos principais gêneros alimentícios.

No que se refere ao salário mínimo é muito difícil prever quais serão as suas consequências na próxima área de plantio. É razoável entretanto admitir-se que o problema da falta de braços na lavoura tenda a agravar-se o que levaria certos proprietários rurais a restringir a área a ser plantada. Do outro lado, precisamente essa ameaça de fuga de braços pode agir em favor dum maior plantio uma vez que, com o fito de reter os trabalhadores nas propriedades, lhes sejam facultadas maiores facilidades para o cultivo.

Quanto aos enormes prejuízos ocorridos na produção agrícola de 1955/56 poder-se-ia também racionar de modo idêntico, ou seja, que esse fenômeno tenderia a gerar, dum lado, o desânimo entre os produtores e consequentemente a redução do plantio e doutro, a esperança de melhores preços e o incentivo à recuperação dos prejuízos, traduzido em aumento na área a ser plantada. Embora esta hipótese possa ocorrer, o mais provável é que predomine o desalento, ao menos, no que se refere a alguns produtos. A isso se é levado quando se atenta para o fato de que este não foi apenas um mau ano agrícola e sim, mais um na série de maus anos, para muitos dos produtos em exame.

Acresce que as dificuldades de braços, a grande elevação dos preços do maquinário, adubos, sacaria e outros agentes de produção, o agravamento da inflação, etc., são outros tantos e importantíssimos fatores depressivos da atividade agrícola. O desassocego, a agitação que já se observa, tanto entre os proprietários como entre os trabalhadores rurais, patenteia os prejuízos verificados e a crescente instabilidade reinante no principal setor econômico da Nação.

É razoável admitir-se portanto, uma tendência à redução geral das atividades agrícolas tanto no que diz respeito aos chamados gêneros alimentícios básicos, como ao algodão, se providências adequadas não forem tomadas em tempo oportuno.

Ante esse esboçar de crise na produção, cremos ser necessário alterar o objetivo até aqui adotado ao se estabelecer os preços mínimos e, conseqüentemente, o critério usado na fixação daqueles preços. De modo geral, o objetivo predominante até o momento foi o de evitar o aviltamento dos preços em consequência dum eventual excesso de volume produzido. Nessa ordem de ideias, adotava-se como base de preços, a do ano precedente acrescida de aumento percentual verificado no índice do custo de vida. Entretanto, os inumeráveis desajustes econômicos fizeram com que a margem inicial entre o preço do mercado e o preço mínimo assegurado nos anos anteriores, fosse alargando-se cada vez mais até que, para alguns produtos, não houvesse mais nenhum ponto de contato entre esses preços.

Óra, para a próxima safra, o preço mínimo deve constituir um estímulo ao plantio ou, pelo menos, deve agir no sentido de impedir n'a maior abstenção de atividade dos produtores. Para isso, é preciso que a base de preço a ser assegurada se aproxime mais dos preços vigentes no mercado, o que implica em mudança de critério, uma vez que a continuidade na adoção do índice do custo de vida (o qual, elevou-se de 20% entre junho de 1955 e julho de 1956+ e pode ser aceito como medida da desvalorização da moeda) não possibilitaria aquela aproximação, redundando mesmo, em certos casos, num maior afastamento.

Assim, o critério escolhido como capaz de atender aquele objetivo foi o de adotar-se como diretriz geral, a base de 70% dos preços médios recebidos pelos lavradores na safra de 1955/56. Conforme o produto e de acôrdo com as peculiaridades da situação econômica do mesmo, essa base será alterada para mais ou para menos.

Reconhece-se que tal sistema é passível de inúmeras objeções. Todavia, registre-se que o mesmo visa atender a uma situação especial de crise - que atravessa a nossa agricultura, com reflexos graves sobre a economia nacional.

Embóra não se pretenda aqui, debater as possíveis implicações desse critério, cabe considerar o risco que o organismo responsável pela garantia de preços ocorreria, de ver-se forçado à aquisição de grandes quantidades de gêneros em consequência do estímulo que tais preços iriam trazer ao aumento na área de plantio.

Na hipótese de ocorrer essa eventualidade, ela provavelmente só poderá ser auspiciosa pois, proporcionará ao Governo, a oportunidade de constituir, nos grandes centros consumidores, os estoques reguladores do abastecimento. Estes, não poderão ser excessivamente vultosos, quando provenientes duma única safra, mórmente quando partindo de zero, como será o caso. Doutr lado, a benéfica ação que eles poderão exercer como disciplinador dos preços, evitando as manipulações de mercado e assegurando um razoável abastecimento, compensam com evidentes vantagens, os possíveis inconvenientes resultantes da aquisição dessas sobras pelo Governo.

Ademais para uma única safra e no caso atual do nosso País, tais inconvenientes serão praticamente nulos. Realmente, admitindo-se que o preço do mercado baixe até o nível dos preços garantidos, ocorreria um dispêndio de numerário na aquisição das sobras cujo efeito, entretanto, seria muito reduzido e de qualquer modo o dinheiro gasto, estaria em grande parte lastreado com mercadorias. Em nossas condições particulares, seria desejável que tal fato ocorresse. Parece entretanto, que essa hipótese é um tanto remota, tudo indicando que os preços do mercado continuarão, ao menos para certos produtos, em níveis superiores às bases garantidas.

As considerações que acabam de ser feitas, corroboram o objetivo exposto, qual seja, o de determinar para a próxima safra de 1956/57, preços mínimos de estímulo; isto é, preços que conquanto situem-se em níveis mais baixos que os vigentes atualmente no mercado, constituam ainda assim, um incentivo para obter produção suficiente para o normal abastecimento do mercado interno.

Após estas considerações e antes de passarmos à análise de cada produto em separado, cabe apontar certos pontos, cuja importância vem se destacando à medida que estão sendo observados os efeitos práticos da legislação de preços mínimos. E aliás o que tem sido feito em anos anteriores, quando se deu ênfase a aspectos julgados de relêvo nesta questão.

Assim, registre-se inicialmente a importância que assume a adoção de uma taxa de despesas para todo o território do Estado, de modo a vigorar um único preço mínimo em qualquer ponto do interior de São Paulo. Ainda que essa uniformização de preços seja tecnicamente defeituosa, já que implica numa distorção dum dos elementos formadores do custo -- o transporte -- ela atende muito melhor às deficiências do nosso organismo assegurador de preços. De resto, todas intervenções de vulto desse órgão, têm sido realizadas através da uniformização de preços, o que parece indicar ser essa uma quase condição de exequibilidade

de, na garantia de preços mínimos.

Outro ponto que merece destaque é a necessidade de serem divulgados os preços que serão garantidos no interior do Estado e não, unicamente as bases vigentes nos portos de exportação. Estas trazem confusão ao produtor e espicaçam sua proverbial e compreensível desconfiança às medidas governamentais. É preciso que as bases de preços sirvam realmente como balizas para as resoluções que os produtores irão tomar quanto aos seus plantios e para isso, faz-se mister que os preços mínimos lhe sejam apresentados de forma facilmente compreensível como essa.

Algodão

Embora seja matéria facultativa o estabelecimento de preços mínimos para o algodão, sua adoção apresenta, como já vimos salientando nos anos anteriores, grandes vantagens tanto para os produtores, pela orientação e segurança que se lhes oferece, como para o Governo que, com sua adoção se desobrigará de eventuais medidas de emergência, como a que foi tomada no início da comercialização da atual safra de 1955/56.

A situação mundial do algodão continua a apresentar perspectivas sombrias. Os estoques existentes em 1º de agosto de 1956 - início da safra de 1956/57 - foram ainda maiores que os verificados em igual data dos anos anteriores, como se pode verificar pelos dados do Quadro I.

Observa-se que houve um aumento, em relação a um ano atrás, de 3,5 milhões de fardos nos estoques existentes nos Estados Unidos, notando-se por outro lado, uma diminuição nos estoques existentes nos outros Países. Embora seja cedo para se ter uma boa previsão do montante do algodão colhido, pode-se admitir que seja menor que a da safra anterior, devido principalmente a uma menor colheita nos Estados Unidos, que vem, aliás, tomando uma série de medidas com o objetivo de diminuir as atuais disponibilidades dessa fibra naquele País, quer pela diminuição do plantio (nesta safra, além de se limitar mais a área cultivada, garantiu-se um preço interno menor), quer incentivando-se grandemente as vendas para os mercados externos. Aliás, a política americana a esse respeito foi recentemente atualizada, pela sanção, em 28 de maio último, da Lei Agrícola de 1956. Pela nova legislação procurar-se-á "restabelecer a manter a participação justa e histórica do algodão americano no mercado mundial" e, embora haja menção de que as vendas externas se façam com extrema cautela, pode-se prever dificuldades maiores neste ano para os países que produzem fibras que competem com as dos Estados Unidos, mesmo porque pelo Artº 203 da citada Lei, "as vendas serão fei-

tas em quantidades ilimitadas e a preços substancialmente menores que os preços internos". É evidente, pois, que os norte-americanos procurarão aumentar grandemente suas exportações - na safra de 1955/56 os Estados Unidos exportaram apenas 1,9 milhões

Quadro I

Situação estatística mundial do algodão

(com exclusão da Rússia e dos países satélites)

Safra com início em agosto Milhões de fardos de 217 quilos

<u>Itens</u>	<u>51/52</u>	<u>52/53</u>	<u>53/54</u>	<u>54/55</u>	<u>55/56</u>	<u>56/57</u>
<u>SUPRIMENTO</u>						
I-Estoque em 1/8						
E.U.A.	2,3	2,8	5,6	9,7	11,2	14,7
Outros	<u>8,4</u>	<u>10,7</u>	<u>10,3</u>	<u>9,1</u>	<u>9,4</u>	<u>7,4</u>
Total	10,7	13,5	15,9	18,8	20,6	22,1
II-Produção						
E.U.A.	15,1	15,2	16,4	13,6	14,5	13,0
Outros	<u>13,6</u>	<u>13,8</u>	<u>13,9</u>	<u>16,0</u>	<u>15,8</u>	<u>15,8</u>
Total	28,7	29,0	30,3	29,6	30,3	28,8
Total I + II	39,4	42,5	46,2	48,4	50,9	50,9
<u>DISTRIBUIÇÃO</u>						
III-Consumo						
E.U.A.	9,2	9,5	8,6	8,8	9,2	-
Outros	<u>16,0</u>	<u>16,4</u>	<u>18,3</u>	<u>18,8</u>	<u>18,7</u>	-
Total	25,2	25,9	26,9	27,6	27,9	-
IV-Estoque em 31/7						
E.U.A.	2,8	5,6	9,7	11,2	14,7	-
Outros	<u>10,7</u>	<u>10,3</u>	<u>9,1</u>	<u>9,4</u>	<u>7,4</u>	-
Total	13,5	15,9	18,8	20,6	22,1	-
Total III + IV	38,7	41,8	45,7	48,2	50,0	-
V-Diferença(2)	0,7	0,7	0,5	0,2	0,9	-

(1) Estimativas

(2) Corresponde a perdas em sinistros e saldos exportados no comércio com a Rússia e países satélites.

Fonte: Comité Consultivo Internacional do Algodão e "Bureau of Agricultural Economics (USDA).

de fardos - e a prova disso é que ao iniciarem-se as vendas para a exportação dentro da nova política, em 12 de junho último, foram negociados nos primeiros cinco dias 1 567 278 fardos a um preço mínimo de 25 cents por libra peso, para o algodão " middling" de 15/16 polegadas, que é equivalente ao algodão paulista, de tipo 5.

Dado o pouco de tempo decorrido desde essas resoluções, é difícil prever-se quais os reflexos que se notarão no mercado mundial num futuro próximo, mesmo porque isso dependerá grandemente do cuidado do Governo americano ao autorizar tais vendas, não se sabendo ainda se o mínimo atrás mencionado será mantido em toda a safra, ou se poderá haver vendas a preços ainda inferiores. O mínimo de 25 cents por libra/peso, posto armazenado na Commodity Credit Corporation, equivale a 27,65 cents por libra/peso, FOB -Santos, de nosso algodão tipo 5. A tal cotação irá corresponder um preço bem inferior aos vigentes ultimamente (pouco mais de Cr\$100,00 por arrôba de algodão em caroço no interior), se as exportações desse produto voltarem a ser feitas pelo câmbio de Cr\$ 43,06 por dólar. (2ª categoria de exportação de acordo com a Instrução nº 131 da SUMOC). É evidente, pois, que terá de ser proporcionado a esse produto um câmbio mais favorável, sem o que se desestimulará um dos mais importantes setores da produção agrícola do País. Mesmo porque, já na atual safra, ao algodão foi proporcionada uma taxa cambial bem superior àquele especificada na Instrução nº 131, flutuando ao redor de Cr\$. 55,00 por dólar.

Assim sendo, julgamos que deverá ser garantido ao algodão um preço igual ao que vem sendo recebido na atual safra, o qual se não irá servir de incentivo para o plantio de uma maior área, pelo menos evitará que parte ponderável da nossa população rural fique praticamente sem atividade.

Seria, assim, garantido um preço de Cr\$ 150,00 por arrôba de algodão em caroço no interior do Estado, uma vez que o preço médio recebido na atual safra (de março a junho) se aproxima daquela quantia - Cr\$ 147,00 por arrôba. É de se ponderar que para a efetivação de tal garantia de preço, seria apenas necessário que se estabelecesse uma taxa cambial praticamente igual à concedida na atual safra para o algodão, desde que fosse reduzida a margem de comercialização entre os preços no interior e FOB-Santos.

Milho

Adotando-se para o milho o critério geral atrás apontado (estabelecimento de preço mínimo ao redor de 70% da cotação média da atual safra) iremos verificar que será necessária a

fixação, no interior do Estado, de um preço mínimo de Cr\$150,00 por sacco de 60 quilos, uma vez que os preços médios recebidos pe los lavradores paulistas na corrente safra (até fins de junho)po de ser estimado em Cr\$ 215,00 por sacco, preço este praticamente igual ao verificado em toda a safra anterior de 1955.

Essa base de preços no interior do Estado- Cr\$ 150,00 por sacco de 60 quilos, de milho do grupo mole ou misto - corresponde a aproximadamente Cr\$ 215,00 para o produto posto em armazem na cidade de Santos, convido aqui salientiar que essa diferença entre os preços no interior e em Santos, vem aumentando significativamente nos últimos anos, devido à elevação generalizada que vem ocorrendo nos preços dos serviços necessários para esse fim.

Convem acrescentar que essa base de preços sugerida para o milho, além de possibilitar, como já foi apontado, um maior interesse do lavrador para essa cultura, não se distanciara muito das cotações externas do produto, o que, no caso da necessidade da intervenção do Govêrno, poderia tornar possível uma eventual exportação dos excedentes. Assim, em julho último, as cotações de milho na Inglaterra eram de 28 a 29 libras por tonelada, CIF portos europeus, o que, ao câmbio de 3ª categoria no qual está enquadrado o milho na Instrução 131 da SUMOC, iria corresponder a aproximadamente Cr\$ 215,00 por 60 quilos, FOB-San tos. Como se vê, uma ligeira alta nos preços internacionais do milho, ou então, um melhor tratamento cambial para esse produ to, poderia permitir que se realizassem vendas externas desse produto.

Arroz

No caso do arroz, a fixação de um preço mínimo em bases que induzam o lavrador a maiores plantios, torna-se mais importante, uma vez que os últimos quatro anos têm sido bastante desfavoráveis aos rizicultores. Não fôra a colocação no mercado, dos excedentes produzidos em outros Estados, e os preços teriam mostrado aumentos bem mais significativos entre nós. Mes mo assim, na atual safra, os lavradores paulistas receberam em média, até fins de junho, cerca de Cr\$ 460,00 por sacco de 60 quilos de arroz em casca, enquanto que nas tres safras anteriores esse preço girou em torno de Cr\$ 380,00 por saca. Dentro do critério geral adotado, a base de preços mínimos para o arroz em casca, seria de Cr\$ 320,00 por sacco de 60 quilos, para o produto de grãos médios, ensacado, posto em armazem no interior do Estado. Em Santos, esse preço iria corresponder a aproximadamente Cr\$ 400,00 por sacco. Quanto ao arroz beneficiado de grãos mé dios, esses preços corresponderiam a Cr\$ 480,00 por sacco de 60

quilos no interior e a Cr\$ 600,00 para o produto posto Santos.

Amendoim

A situação do amendoim já é um pouco diferente. Os lavradores que plantam essa oleaginosa tiveram grandes decepções em 1955, quando aliás se colheu a maior safra já produzida em São Paulo, pois houve uma queda acentuada nos preços. Isso trouxe desânimo aos produtores, sendo pequenas as colheitas obtidas no corrente ano, principalmente na safra "da seca" que foi grandemente prejudicada pelas recentes chuvas. Assim, é necessário que se estabeleça um preço mínimo que leve os agricultores a um maior plantio na próxima safra, principalmente devido à pequena disponibilidade de óleos vegetais neste ano, motivada pela menor safra de amendoim e pela grande quebra havida na de algodão. E como não se nota uma tendência acentuada para o aumento do plantio da malvacea, ainda mais necessário se torna o estímulo ao plantio de amendoim, mesmo porque a colheita dessa oleaginosa se processa logo no início do ano, possibilitando a imediata obtenção do óleo, numa ocasião em que deverão estar bem diminuídas as disponibilidades desse produto.

Assim, julgamos que o preço mínimo do amendoim deverá ser fixado em nível idêntico ao vigente na última safra "das águas", quando os lavradores receberam em média Cr\$. 130,00 por sacco de 25 quilos do produto em casca. Esse preço corresponde a cerca de Cr\$ 170,00 por igual volume do produto posto Santos.

Feijão

Como já temos salientado em anos anteriores, o feijão produzido tanto no Estado de São Paulo como em zonas vizinhas, é originário de culturas intercalares ou de subsistência não se notando ainda o plantio comercial desse produto. Essa característica, aliada às dificuldades encontradas para o armazenamento nas zonas de produção, são os fatores principais da acentuada flutuação que se observa nos preços dessa leguminosa. E, como os preços ultimamente vigentes estão em níveis bastante altos, o que, se fosse o caso, já seria um incentivo importante, adotou-se uma porcentagem menor para a base sugerida, ou seja, um preço 50% menor que a média obtida pelos lavradores no primeiro semestre do corrente ano. Assim teremos o preço mínimo de Cr\$. 360,00 por sacco de 60 quilos de feijão de cores, posto armazem no interior do Estado. Em Santos, tal preço irá corresponder a cerca de Cr\$ 445,00 por sacco de 60 quilos. Para comparação, convém citar que a média de preços vigente atualmente no interior, é de Cr\$ 715,00 por sacco.

Soja

Uma vez que se procura intensificar grandemente o cultivo dessa leguminosa, é necessário que o Governo garanta preços que sirvam de incentivo aos lavradores, o que aliás não vem acontecendo nos últimos anos, Assim sendo, julgamos que deva ser estabelecido um preço mínimo de Cr\$ 300,00 por saco de 60 quilos, no interior do Estado, preço esse que corresponde a cerca de Cr\$ 370,00 para o produto posto em Santos. Acrescente-se que à essa base é possível atualmente realizarem-se negócios de exportação com o produto.

* * *

MERCADO DE CAFÉ

Novas altas nas cotações

Em junho, de um modo geral, ocorreram sucessivas altas nas cotações de café, em continuação ao movimento, que nesse sentido já vinha se notando há alguns meses nesse mercado. Entre o início e o fim do mês houve ganhos maiores que os constatados em meses anteriores. Assim, no contrato "B" da Bolsa de Nova Ior

Quadro I

M E R C A D O S	M E S D E J U N H O D E 1956					
	Dia 1	Dia 28	Mínima	Máxima	Média	Média do mês anterior
A- SANTOS (Cr\$/10 quilos)						
DISPONIVEL						
Estilo Santos, tipo 4	440,00	473,50	410,00	473,50	454,50	436,00
TERMO DA BOLSA						
Contrato "D"						
Junho	460,00	-	460,00	504,00	481,60	-
Julho	467,90	501,90	467,90	505,50	487,70	472,30
Setembro	479,40	517,00	479,40	520,00	499,10	478,60
Dezembro	485,50	421,00	485,50	523,90	505,40	483,45
Jan. 57	488,50	523,00	488,50	528,00	507,80	487,90
Março	495,00	523,50	495,00	530,00	513,50	490,50
Maió	497,00	525,00	497,00	531,00	513,70	-
ENTREGAS DIRETAS						
Junho	462,50	492,30	462,50	497,50	481,25	466,70
Julho	472,50	497,50	472,50	505,00	487,70	-
Jul/Dez	485,00	510,00	485,00	512,50	498,90	485,80
Jan/Jun 57	505,00	530,00	505,00	523,50	518,75	500,80
Jul/Dez 57	505,00	510,00	505,00	525,00	510,20	-
B-NOVA IORQUE("cents"por libra-peso) (1)						
TERMO						
Contrato "B"						
Julho	55,35	59,30	55,10	60,70	58,10	53,81
Setembro	54,60	59,10	54,80	60,40	57,70	53,32
Dezembro	53,32	57,95	53,32	59,35	56,60	51,67
Março 57	52,45	56,95	52,45	57,90	55,47	50,90
Maió 57	51,92	56,15	51,90	57,00	54,82	50,31
Contrato "M"						
Julho	74,00	79,55	73,77	80,20	77,29	70,53
Setembro	73,65	78,90	73,00	79,45	76,60	70,33
Dezembro	67,20	73,00	67,15	73,50	70,41	65,08
Março 57	63,35	68,75	63,05	69,75	66,56	61,38
Maió 57	62,00	67,50	62,00	69,70	65,69	60,53

Fontes: Associação Comercial de Santos e "Complete Coffee Coverage"

(1) Nos EE.UU., dia 29

que as cotações subiram de 3,65 a 4,63 "cents" por libra. No contrato "M" (cafés suaves) êsses aumentos foram ainda maiores, variando de 5,25 a 5,80 "cents" por libra. Nos mercados futuros da praça de Santos ocorreram altas também significativas, que atingiram até 30 cruzeiros por 10 quilos, bastando dizer que em 28 de junho todos os meses cotados dentro do contrato "D" da Bolsa Oficial de Santos tiveram seus preços fixados acima de 500 cruzeiros por 10 quilos.

Os principais fatores responsáveis por êsse movimento de alta foram os já apontados em comentários anteriores: a recuperação havida nos índices de consumo de café nos países importadores, o maior estoque que está sendo agora carregado pelos vários intermediários dos países consumidores, as continuas notícias de chuvas que vem prejudicando a atual colheita brasileira, a relativa escassês de cafés suaves da Colombia e America Central, países êsses que agora atravessam a fase aguda da entressafra, e a manifesta decisão do governo brasileiro em não mudar sua política cafeeira.

Em virtude das altas verificadas nos preços, o Instituto Brasileiro do Café aumentou, por duas vezes, as bases de registro das vendas de exportação. Assim, as vendas de café estilo Santos, tipo 4, que nas duas primeiras semanas de esta podiam ser registradas a Cr\$ 445,00 por 10 quilos, foram alteradas para .. Cr\$ 460,00 na semana de 18 a 23 de junho e para 480 cruzeiros na última semana do mês.

Quadro 11
COTAÇÕES MÊDIAS DO CAFÉ NO DISPONÍVEL

MERCADOS	1 ABRIL	5 MAIO	6 JUNHO	1955 JUNHO
NO BRASIL: Cr\$/10 quilos				
Estilo Santos, tipo 4	404,00	436,00	454,50	398,70
Paranaguá, tipo 4 mole	394,00	410,25	419,25	395,88
Rio, tipo 7	299,73	304,75	311,25	295,88
Vitória, tipo 7/8	222,00	240,25	262,73	217,63
NOs ESTADOS UNIDOS				
a) "cents" por libra-pêso				
Nova Iorque: Santos, tipo 4	55,00	56,80	59,10	57,05
Nova Iorque: Paraná, tipo 4	51,35	52,77	54,29	55,55
N. Orleans: Rio, tipo 7	41,63	42,50	44,75	41,90
N. Orleans: Vitória, tipo 7/8	37,80	38,50	39,73	38,46
b) Cr\$ por 10 quilos				
Nova Iorque: Santos, tipo 4	449,36	464,07	482,86	469,11
Nova Iorque: Paraná, tipo 4	418,54	431,14	443,68	457,12
N. Orleans: Rio, tipo 7	340,12	347,23	355,68	342,23
N. Orleans: Vitória, tipo 7/8	304,72	299,31	300,25	289,82

Fontes: I.B.C. e Bureau Pan-Americano do Café.

Intenso o movimento de negócios

Devido à maior atividade nos negócios de exportação, foram bem intensas, em junho, as vendas de café no mercado disponível de Santos, quando atingiram ao expressivo total de 1472 000 sacas, volume bem superior ao normal. O total negociado nesse mercado em toda safra 1955/56 alcançou a 9 226 855 sacas, ou seja mais de 700 mil sacas que o negociado na safra anterior.

Nos mercados futuros de Santos, houve igualmente, em junho, maior intensidade de negócios. Nas "entregas diretas" foram vendidas 185 mil sacas, o que elevou o total negociado em toda safra de 1955/56 a 2 372 250 sacas, volume superior ao da safra anterior - 1,3 milhões -, mas ainda bem inferior ao verificado em períodos anteriores. O mercado a termo da Bolsa Oficial de Café embora tivesse em junho seu movimento aumentado para 67 250 sacas, apresentou na safra que se findou um volume de negócios bem pequeno, de aproximadamente 375 mil sacas.

No mercado futuro da Bolsa de Nova Iorque houve, em junho, um movimento intenso de negócios, tendo sido vendidos ... 1 806 500 sacas, das quais 1 149 250 dentro do contrato "B", para cafés brasileiros.

Aumentam as exportações de café

Em junho foram exportadas 1 597 209 sacas de café, ou seja 250 mil sacas a mais de que o embarcado no mês precedente, conforme se pode verificar no quadro III, onde se encontram dados referentes às exportações feitas pelos vários portos nos últimos meses e em vários períodos.

Quadro III
EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PARA O EXTERIOR
Sacas de 60 quilos

M E S E S	BRASIL	SANTOS	BIO	PARANAGUÁ	VITÓRIA
Junho 56	1 597 209	864 130	245 528	350 232	108 265
Maic 56	1 347 105	741 200	323 327	201 732	86 170
Abril 59	1 150 930	653 413	244 267	185 749	67 578
Junho 55	1 320 412	693 105	268 484	38 200	73 475
Junho 56	398 078	190 345	109 521	31 781	61 142
Junho 53	997 565	532 095	106 531	302 709	58 230
Jul. 55/Jun 56	16 969 721	8 081 718	4 285 244	3 013 870	1 134 711
Jul. 54/Jun 55	10 765 877	5 673 398	2 857 734	1 064 404	909 570
Jul. 53/Jun 54	14 324 629	6 705 789	3 354 527	3 008 473	1 102 180
Jan/Jun 56	6 464 888	4 500 601	1 926 344	1 426 359	469 037
Jan/Jun 55	5 160 749	3 035 255	1 375 737	230 396	400 355
Jan/Jun 54	5 312 583	3 208 651	1 230 666	689 674	447 618

Vente: I. S. C.

Do total embarcado em junho, 1 044 044 sacas foram compradas pelos Estados Unidos, para onde no mês anterior tinham sido exportadas pouco mais de 850 mil sacas.

Como se vê pelos dados do quadro III as quantidades exportadas em toda a safra 1955/56 foram bem superiores às das safras anteriores. O mesmo se pode dizer com referencia ao volume embarcado no 1º semestre de 1956 que é superior em 3 milhões de sacas ao embarcado em igual período dos dois anos anteriores.

Situação nos E.U.A.: importação, consumo e estoque

Na safra 1955/56 que se findou em 30 de junho último registrou-se um incremento acentuado das importações e do consumo nos Estados Unidos. Como se sabe durante a safra anterior tinha havido uma queda acentuada no consumo de café naquele país, motivada pela alta de preços ocorrida no 1º semestre de 1954. Assim, na safra 1955/56 foram importadas por esse país cerca de 21,9 milhões de sacas, em confronto com as 15,6 milhões compradas na safra de 1954/55 e as 20,8 na de 1953/54.

Do mesmo modo, houve aumento acentuado no consumo, medido pela quantidade de café torrado, que atingiu no período de julho de 1955 a junho de 1956 a 20,8 milhões de sacas. Na safra anterior as torrações tinham sido de 17,6 milhões e na de 1953/54 de 18,9 milhões de sacas.

De outro lado, devido à maior normalização do mercado, os intermediários daquele país já estão carregando estoques maiores, embora não atingindo ainda os níveis anteriores. Assim, em 30 de junho último estimava-se que os estoques de café verde nos E.U.A. montavam a perto de 3 milhões de sacas, sendo pois bem maiores que os constatados no decurso de 1955 e 2 primeiros meses de 1956, quando variavam de 1,6 a 2,3 milhões. Anteriormente à vertical queda de preços ocorrida em fins de 1954 os estoques oscilavam entre 3,5 a 4,2 milhões de sacas.

Posição estatística no Brasil em 30 de junho Estimativa da safra 1956/57

No quadro IV, apresentamos dados finais das últimas 4 safras cafeeiras no Brasil. Vê-se por esses números que em 30 de junho último as sobras livres de café montavam a 6,7 milhões de sacas, sendo portanto maiores em 3,4 milhões às constatadas no fim das 3 safras anteriores. Além desses 6,7 milhões, existem mais 3,7 milhões de sacas que foram adquiridas pelo Governo Federal em virtude da lei da garantia de preços, sendo esse café conservado fora do mercado. Em igual época do ano anterior o Governo dispunha de 3,2 milhões de sacas. Desse modo, os excedentes da safra de 1955/56 totalizam a 10,4 milhões de sacas, comparados com os

6,5 milhões do fim da safra 1954/55 e os 3,3 milhões das duas safras anteriores.

Quadro IV
POSIÇÃO ESTATÍSTICA DO CAFÉ NO BRASIL EM 30 DE JUNHO
SAFRAS DE 1952/53 a 1955/56
Sacas de 60 quilos

	S A F R A S			
	1952/53	1953/54	1954/55	1955/56
I - SALDO VERIFICADO EM 30/6				
A Liberar	496 146	68 738	14 651	66 110
Estoque nos portos	2 456 212	3 233 350	3 304 594	3 238 927
Total	2 952 358	3 304 088	3 319 245	3 305 037*
II - CAFÉ REGISTRADO DE JULHO A JUNHO				
Café de safras anteriores	58 821	70 547	35 042	15 540
Café da safra em apreço	16 029 623	15 113 621	14 496 378	22 032 544
Total	16 088 446	15 184 168	14 531 420	22 048 084
III- DIFERENÇAS VERIFICADAS NA CONTAGEM DOS ESTOQUES NOS PORTOS	-	-	+ 314 630	-392 000
IV - TOTAIS I + II + III	19 040 804	18 488 256	18 195 295	24 961 121
V - CONSUMO DE JULHO A JUNHO				
Exportação para o Exterior	14 958 382	14 324 629	10 795 677	16 969 721
Comércio de cabotagem	305 196	382 344	342 323	395 889
Consumo nos portos	462 138	462 038	511 497	376 000
Total	15 736 716	15 169 011	11 649 497	17 741 609
VI- CAFÉ ADQUIRIDO PELA COMISSÃO DE FINANCIAMENTO DA PRODUÇÃO (fora de comércio)	-	-	3 210 761	513 000
TOTAL IV + V	15 736 716	15 169 011	14 860 258	18 254 609
VII- DISPONIBILIDADE EM 30/6 (1)	3 304 088	3 319 245	2 305 037	6 706 512*

(1) Inclui o café existente nos portos, armazens reguladores e em trânsito.

* Nos totais assinalados não está incluído o estoque em poder do Governo Federal e atualmente fora do mercado (3 210 761 sacas retiradas no fim da safra 1954/55 e 313 mil no fim da safra 1955/56). Se computados os totais I e VII da safra 1955/56 passariam respectivamente a 6 515 798 e 10 430 273 sacas.

A safra que ora se inicia foi estimada pelo Instituto Brasileiro do Café em 11 810 000 sacas (a de 1955/56 atingiu a 22 milhões), assim distribuídas pelos Estados.

E S T A D O S

	<u>Produção Exportável</u> <u>Sacas 60 quilos</u>
São Paulo	6 400 000
Minas Gerais	2 200 000
Paraná.....	1 350 000
Espirito Santo	1 100 000
Goiás	220 000

(continua)

(continuação)

E S T A D O S	Produção Exportavel
	Sacas de 60 quilos
Baia	200 000
Rio de Janeiro	180 000
Pernambuco	140 000
Mato Grosso	15 000
Paraíba	<u>5 000</u>
TOTAL	11 810 000

De acôrdo com a estimativa do I.B.C., teriamos na safra 1956/57 em disponibilidade total de café de 22,2 milhões de sacas (ou de 18,5 milhões, caso não se computem os estoques em poder do Governo Federal). Na safra anterior essa disponibilidade foi de 28,2 milhões (ou de 25 milhões sem computar os estoques governamentais). Como se vê, na atual safra haverá bem menos café que há um ano atrás. E além disso as condições climáticas extremamente desfavoráveis que predominaram nos últimos meses irão provavelmente afetar bastante, não só a qualidade do produto, mas também o volume do café a ser colhido, abaixando ainda mais a estimativa da atual safra. Isso poderá fazer que as disponibilidades de café livremente negociáveis não sejam suficientes para atender as necessidades do mercado, sendo então preciso lançar mão dos estoques em poder do Governo Federal.

Regulamento de embarques para a safra 1956/57

Nos últimos dias de junho foi finalmente expedido o regulamento de embarques que deve vigorar na atual safra, tendo sido vetados algumas das disposições sugeridas pela Junta Administrativa do I.B.C., principalmente àquelas que diziam respeito à série direta que era constituída de cafés declarados vendidos ao exterior e que teriam então livre entrada nos portos, independentes de espera.

O regulamento homologado pelo Ministro da Fazenda é semelhante aos anteriormente vigentes. Por ele, os cafés despachados no interior serão encaminhados aos portos de exportação a menos que o volume de despachos ultrapasse os limites de escaamento no mercado de exportação, sendo então o café recolhido a armazens reguladores, onde aguardará época de liberação. Foram fixados estoques máximos nos portos, sendo que as liberações serão feitas de modo a não ultrapassar tais limites. Esses estoques são os seguintes para os diversos portos. Santos 3 milhões de sacas, Rio 1,2 milhões, Paranaguá 1,1 milhões, Vitória 350 mil sacas e Angra dos Reis 100 mil sacas.

Os cafés despulpados e preferenciais (tipo em média não inferior a 3/4, boa seca, c6r uniforme) terão encaminhamento direto aos pórtos de exportação, gozando prioridade de liberação.

Os despachos de café da atual safra tiveram início em 1º de julho e terminarão a 31 de maio de 1957.

Bases de financiamento da safra 1956/57

O Banco do Brasil deu a público, no dia 4 de julho último, as seguintes bases de financiamento para cafés da safra 1956/57:

I) Nos pórtos de Santos, Rio e Paranaguá:

- a) para cafés disponíveis, em lotes corridos, boa com posição:
 - 1) Cafés estilo Santos: Cr\$ 1 950,00 por saca do tipo 4 e Cr\$ 1 300,00- tipo 4 riado.
 - 2) Cafés estilo Rio: Cr\$ 1 350,00-tipo 7 e Cr\$ 1 150,00 tipo 8.
- b) para cafés em conhecimento ferroviários:
 - 1) Tipos preferenciais - Cr\$ 1 850,00
 - 2) Cafés estilo Santos: Cr\$ 1 750,00-tipo 4 e .. Cr\$ 1 600,00 para o tipo 4 riado.
 - 3) Cafés estilo Rio: Cr\$ 1 150,00 para o tipo 7 .

II) Nos demais pórtos- Vitória, Recife e Salvador.

- a) para cafés disponíveis: Cr\$ 1.000,00 para tipos não inferior a 7/8.

III) No Interior, para cafés destinados aos pórtos de Santos, Rio e Paranaguá, em conhecimentos ferroviários ou depositados em armazens gerais ou particulares (penhor mercantil).

- 1) Tipos preferenciais -Cr\$ 1 850,00 por saca.
- 2) Estilo Santos, tipo 4- Cr\$ 1 750,00
- 3) Estilo Santos, tipo 4 riado- Cr\$ 1 600,00
- 4) Estilo Rio, tipo 7 - Cr\$ 1 150,00

MERCADO DE ALGODÃO

Estaveis os preços mundiais

Seguindo a tendência já mostrada últimamente, os preços do algodão no mercado mundial vem se mantendo estaveis. Nos Estados Unidos as modificações ocorridas durante o mês foram bastante pequenas, como se pode observar pelos dados do quadro I. Com vem destacar que de início da safra 1956/57 em diante as cota -

Quadro 1

COTAÇÕES DE ALGODÃO EM PLUVA		MÊS DE JUNHO DE 1956				
M E R Ç A P O S	Dia 1	Dia 28	Mínima	Máxima	Média	Média do mês anterias
A- SÃO PAULO (Cr\$ /15 quilos)						
DISPONÍVEL						
Tipo 5	503,00	543,00	503,00	543,00	527,25	502,15
TERMO						
Contrato Nacional						
Julho	492,00	528,00	492,00	529,50	515,00	477,20
Outubro	535,50	555,00	535,50	561,00	551,90	532,90
Dezembro	570,00	584,25	570,00	594,00	583,90	564,00
Março 57	570,75	606,00	570,75	613,50	601,00	554,95
Maio	570,75	585,00	570,75	598,50	587,50	561,40
B- NOVA IORQUE ("cents" Por libra-peso)						
DISPONÍVEL						
"Middling"	36,65	36,80	36,60	36,90	36,72	36,63
TERMO						
Julho	34,59	34,57	34,21	34,62	34,52	34,19
Outubro	32,47	32,70	32,20	32,73	32,51	32,54
Dezembro	32,53	32,73	32,34	32,73	32,58	32,65
Março 57	32,70	32,81	32,43	32,81	32,66	32,76
Maio	32,57	32,53	32,30	32,59	32,50	32,60
Julho	32,00	31,78	31,63	32,00	31,81	31,94
Outubro	30,88	30,78	30,60	30,98	30,81	30,93
C- LIVERPOOL ("pences" por libra-peso)						
DISPONÍVEL						
"Good Middling"	29,00	28,75	28,75	29,00	28,76	28,87
TERMO						
Jul/Ag.	25,75	24,82	24,82	26,50	25,90	25,66
Contrato Novo						
Jul/Ag.	28,00	28,10	28,00	28,75	28,42	27,93
Out/Nov.	24,99	25,19	24,90	25,45	25,16	25,98
Dez/Jan.	24,56	24,43	24,32	24,85	24,47	25,61
Març/Abr.	24,25	23,33	23,70	24,30	23,95	25,63
Maio/Jun.	24,10	23,33	23,15	24,10	23,62	-

ções de algodão nos E.U.A., tanto no disponível como no termo se-
rão relativas ao algodão middling de 1 polegada, ao invés do 15/
16" como vinha sendo até então e que corresponde ao algodão pau -
lista, tipo 5. Atualmente existe um deságio de 115 pontos (1,15
"cents" por libra) entre o algodão de 1 polegada para o 15/16"
Essa mudança foi necessária em vista da atual predominância que
vem se hotando de algodões de fibra maior.

Mudanças na política algodoeira norte-americana

A Lei Agrícola de 1956, votada pelo congresso nor-
te-americano e que entrou em vigor em 28 de maio último introdu-
ziu uma serie de modificações referentes à produção e comércio ex-
terno do algodão. Assim, foi o instituido o chamado "Banco do So-
lo", pelo qual os lavradores de algodão e de outros produtos bá-
sicos são indenizados pelas terras deixadas sem cultivo. Essa me-
dida que somente deverá entrar em vigor em 1957 visará dar maior
força aos apelos de restrição de área cultivada com produtos que
tem grandes excedentes. Outro artigo da citada lei, o nº201, es-
tatue que a "Commodity Credit Corporation", órgão encarregado de
receber os produtos que gozam da garantia de preços, disponha, em
uma liquidação ordenada, de todos os estoques de produtos agríco-
las em seu poder. E pelo artigo 203 a C.C.C. fica autorizada a
ofertar esses produtos dentro dos preços competitivos mundiais .
o que até então não era possível pois os preços garantidos esta-
vam geralmente em níveis superiores. E além disso, a C.C.C. não
poderá recusar ofertas durante a safra 1956/57 dentro dos preços
mínimos de exportação anunciados no fim de 1955 pelo U.S.D.A.
- 25,50 "cents" por libra para o middling 15/16" , posto nos por-
tos -, a menos que ofertas maiores sejam recebidas para o mesmo
lote de algodão. Pela mesma lei, é estabelecido que os E.U.A. de-
vem restabelecer e manter a participação histórica desse país no
comércio internacional do algodão. Na página 7 deste boletim fa-
zemos considerações a respeito dessas mudanças.

Altas no mercado de São Paulo

Continuaram em ascensão as cotações internas do
algodão. O tipo 5, no mercado disponível de São Paulo, acusou uma
alta de 40 cruzeiros por arrôba entre o início e o fim de junho,
sendo que no mercado a termo notaram-se oscilações semelhantes,
atingindo o algodão a níveis nunca atingido - Cr\$ 813,50 por ar-
rôba para o mês de março de 1957. Tal alta tem sido motivada pe-
la volumosa exportação que vem se realizando, chegando-se mesmo
a prognosticar uma escassez de algodão dos tipos melhores. Aliás
visando impedir exportações maiores desses tipos a CACEX por duas
vezes em maio já tinha aumentado os preços mínimos de exportação
E no período de 21 de maio a 7 de junho as exportações chegaram

a ser suspensas.

Movimento de negócios em São Paulo

O movimento de negócios no mercado a termo da Bolsa de Mercadorias de São Paulo continua bem reduzido. Em junho foram vendidos 114 contratos, num total de 76 mil arrôbas, movimento quase igual ao verificado no mês anterior. No primeiro semestre deste ano foram negociadas apenas 560 mil arrôbas, enquanto que em igual época do ano anterior tinham sido vendidas 2,8 milhões de arrôbas.

Continuam intensas as exportações

Em junho último foram embarcadas em Santos 34 945 toneladas de algodão em pluma, ou seja cerca de 7 mil toneladas a mais que no mês anterior e quase 20 mil a mais que em igual época do ano anterior. No 1º semestre deste ano já foram exportadas por Santos 90 499 toneladas, volume bem apreciável, conforme se pode observar pelos dados do quadro II.

Quadro II

EXPORTAÇÃO DE ALGODÃO EM PLUMA PARA O EXTERIOR

PELO PORTO DE SANTOS

-Toneladas -

	1953	1954	1955	1956
Junho	3 343	27 833	16 714	34 945
Maior	7 347	26 372	9 196	27 532
Abril	4 219	22 350	4 199	10 017
Jan. a junho	21 870	152 221	57 269	90 499
Março a junho	18 479	104 237	36 959	76 252

Fonte: L.Figueiredo S/A.

Classificação da atual safra

Até fim de junho da corrente safra tinham sido classificadas pela Bolsa de Mercadorias 163 757 toneladas de algodão em pluma, das quais 21,7% eram de algodão do tipo 5 para melhor. De março a junho do ano anterior o total classificado era pouco inferior, de 156 902 toneladas.

Algodão em caroço: preços e entrada nas máquinas

Em junho, o preço médio alcançado pelos lavrados - res foi de Cr\$ 147,70 por arrôba de algodão em caroço, cêrca de 6 cruzeiros a menos que o obtido em média no mês de maio. Tal baixa é explicada pela maior quantidade de algodão de tipos inferiores, devido às chuvas contínuas que se verificaram na ocasião da colheita.

A quantidade de algodão em caroço que deu entrada nas máquinas de beneficio atingiu a 68 589 toneladas, o que elevou a 532 395 toneladas o total já recebido nesses 4 primeiros meses de safra. Esse total é pouco inferior ao recebido em igual período do ano anterior quando foi de 533 393 toneladas.

Quadro III
 RELAÇÃO DO ALGODÃO EM CAROÇO RECEBIDO PELAS USINAS
 DE BENEFICIAMENTO - SAFRA DE 1955/56
 -Toneladas-

ZONAS DE FISCALIZAÇÃO	Em Junho	Março a Junho	ZONAS DE FISCALIZAÇÃO	Em Junho	Março a Junho
Araçatuba	8 069	73 202	Fernandópolis	3 408	31 533
Ararasquara	1 454	9 927	Lucélia	7 260	57 915
Avaré	1 676	11 766	Marília	3 463	50 536
Bauru	2 139	11 958	Paraguaçu	7 180	43 987
Bebedouro	1 260	15 508	Piraçununga	2 429	10 475
Cospinas	4 731	12 714	Pres. Prudente	19 553	152 305
Catanduva	149	17 121	Rib. Preto	5 818	33 448
Total de todo o Estado				68 589	532 395

Fonte: - Divisão de Economia Rural

 MERCADO DE CEREAIS

Alta nos preços do milho

Em junho, os preços de milho que tinham em maio a cusado queda, voltaram a subir, em consequência da pequena safra que foi colhida e também devido as chuvas que caíram na época da colheita, o que prejudicou as condições do produto. No interior, o preço médio recebido pelos lavradores foi de Cr\$ 204,20 por sa co. No mercado de São Paulo a cotação média para o milho amare - linho foi de Cr\$ 247,30 por 60 quilos (veja quadro I).

continua a alta nos preços do arroz

Igualmente devido à menor safra, continuaram a su bir os preços do arroz, tanto no interior como no mercado da ca pital. O preço médio alcançado pelos produtores em junho foi de Cr\$ 488,30 por saco de arroz em casca (Cr\$ 480,30 em maio) e de Cr\$ 773,00 por saco de arroz beneficiado (Cr\$ 752,50 em maio) No quadro I apresentamos as cotações das varias variedades no merca do disponível de São Paulo

Quadro I

 COTAÇÕES MÉDIAS DE CEREAIS EM SÃO PAULO
 NO DISPONÍVEL - Cr\$ POR 60 QUILOS

M E R C A D O S	1	9	5	6	1955
	Abril	Maio		Junho	Junho
MILHO					
Amarelinho	244,10	234,50		247,30	216,80
Amarelo	232,50	228,50		248,10	216,90
Amarelão	242,20	221,40		243,10	215,20
ARROZ BENEFICIADO					
Amarelão, especial	834,80	930,10		963,60	718,00
Agulha, especial	781,80	842,40		868,00	644,00
Blue Rose, especia	643,00	686,90		719,80	527,20
Catete, especial	605,40	631,30		624,10	499,10
3/4 arroz	418,50	509,40		581,90	348,60
1/2 arroz	289,10	363,00		421,80	208,70

Fonte: - Bolsa de Cereais de São Paulo

SITUAÇÃO DA AVICULTURA

No Interior

Ainda em decorrência da muda de penas, a postura das aves foi muito baixa no decorrer de junho.

Os preços de ovos elevaram-se, tendo atingido, provavelmente, o seu nível máximo, a julgar pelo ciclo anual de preços desse produto como também pelo aumento de produção observado nos últimos dias do mês, quando ficou encerrado o fenômeno biológico da muda. Assim, no próximo mês o preço deverá ser bem mais baixo.

Foi muito intensa a atividade de incubação de ovos em virtude da grande procura de pintos de um dia.

O estado sanitário das aves é, de modo geral bom, não havendo notícias de incidência grave de doenças em nenhuma região produtora.

Mercado da Capital

Os preços de aves para consumo foram mais elevados que os vigentes no mês anterior.

No mercado atacadista, o preço médio de frangos e galinhas por cabeça passou de Cr\$ 47,60 em maio para Cr\$ 48,20 em junho. Para frangos por quilo abatido, houve alterações de Cr\$ 2,60, pois, de Cr\$ 60,00 no mês anterior, passou a Cr\$ 62,60. O preço de galinhas por quilo abatido sofreu alta mais acentuada, tendo sido de Cr\$ 54,20, quando fôra Cr\$ 49,60 em maio. Não houve modificações nos preços de perus (por kg abatido).

Foram bem grande as altas verificadas no varejo. O preço mais frequente, tanto de frangos como de galinhas de 1ª qualidade (por cabeça) foi de Cr\$ 90,00; em maio tinham baixado, tendo atingido, respectivamente, Cr\$ 75,00 e Cr\$ 80,00.

Situação dos preços de ovos- O preço médio por dúzia atingiu Cr\$ 32,90 no atacado, o que representa um aumento de 1,2% em relação ao mês anterior, no qual essa média foi de Cr\$ 32,50. Esse aumento foi menor que o ocorrido em junho do ano passado (6,1%).

Quadro I
PREÇOS MÉDIOS PONDERADOS DE AVES, OVOS E RAÇÕES

I - AVES

ATACADO	Junho	Maio
	1956	1956
	Cr\$.	Cr\$.
Frangos e galinhas (p/cabeça)	48,20	47,00
Frangos (p/kg abatido)	62,60	60,00
Galinhas (p/kg abatido)	54,20	49,50
Perús (p/kg abatido)		
De 3 a 4 kg	74,00	74,00
" 4 a 5 "	78,00	78,00
" 5 a 6 "	90,00	90,00
" 6 acima	95,00	95,00
Pintos de 1 dia		
New Hampshire		
Mistos	10,00	10,00
Machos	8,00	8,00
Fêmeas	17,00	14,00
Leghorn		
Mistos	9,50	9,50
Machos	1,50	1,50
Fêmeas	18,00	16,00
VAREJO		
Frangos de 1ª qualidade (p/cabeça)	90,00	75,00
Galinhas " " " (p/cabeça)	90,00	80,00

2 - OVOS

ATACADO (p/dúzia)	32,90	32,50
VAREJO (p/dúzia)	40,00	36,00

COTAÇÕES

(Ovos de granja-caixa de 30 dúzias)

Tipos	Casca Branca	Casca Vermelha	Casca Branca	Casca Vermelha
	Especial	1 108,00	1 128,00	1 008,00
A	1 091,00	1 111,00	992,00	1 012,00
B	1 066,00	1 086,00	971,00	971,00
C	1 006,00	1 006,00	911,00	911,00
D	965,00	965,00	842,00	842,00

3 - RAÇÕES

(Posto São Paulo p/kg)

	Mínimo	Máximo	Mínimo	Máximo
Para pintos de 1 a 30 dias	4,50	5,60	4,50	4,50
" " " 30 a 90 "	4,50	5,30	4,50	4,50
Frangos até postura	4,50	5,30	4,40	4,46
Postura	4,40	5,10	4,54	4,60
Reprodução	4,50	5,30	4,50	4,54
Farelo de trigo (sacode 30kg)	-	32,00	-	32,00
Farelinho de trigo (saco de 30kg)	-	34,00	-	34,00

Fontes: - Levantamentos realizados pela Subdivisão de Economia Rural na Capital do Estado. Preços de Varejo: Prefeitura Municipal de São Paulo. Rações: Dados de 3 firmas particulares.

Já no mercado varejista o aumento foi bem grande, pois o preço médio de Cr\$ 40,00 superou em 11% o do mês anterior que fôra de Cr\$ 36,00, tendo esse mercado, portanto, operado com uma maior margem de comercialização.

No quadro II são apresentados, a partir de 1952, os preços deflacionados, isto é, isentos dos efeitos da elevação geral do nível de preços, através dos índices do custo de vida calculados pela Prefeitura Municipal de São Paulo.

Quadro II
EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DE OVOS NO VAREJO
(Preços deflacionados. Cruzzeiros por dúzia)

	Jan.	Fev.	Março	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ag.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1952:	12,90	14,00	15,50	16,40	16,30	14,60	13,60	12,30	9,40	10,90	10,90	11,50
1953:	12,80	12,90	13,30	12,50	13,40	15,90	13,20	11,80	11,20	10,40	10,50	11,00
1954:	11,80	12,20	13,20	15,00	14,90	13,00	12,80	9,90	9,20	9,10	9,50	9,50
1955:	11,10	12,10	13,40	13,00	13,10	13,30	14,10	10,30	10,10	9,90	9,90	9,80
1956:	12,00	13,20	13,60	13,50	14,40	15,80						

Constata-se neste quadro que o preço deflacionado de junho deste ano (Cr\$ 15,80) foi mais elevado que os do mesmo mês de anos anteriores, exceto o de 1953, que foi de Cr\$ 15,90.

A alta de preços de ovos no varejo não é normal nem de junho, como pode se verificar no quadro III, que mostra o ciclo anual dessas preços. Tanto na média de 1949/54 como em 1955, os números índices relativos aos meses de maio e junho são iguais, ao contrário do que se deu neste ano, no qual são de 120 e 133, respectivamente.

Quadro III
CICLO ANUAL DOS PREÇOS DE OVOS NO VAREJO
(Em números índices)

	Jan.	Fev.	Mço.	Abr.	Maió.	Jun.	Jul.	Ag.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1949/54:	100	113	123	120	122	132	124	63	92	94	95	69
1955 :	100	109	123	123	127	127	136	103	120	100	103	100
1956 :	100	107	110	110	120	133						

É verdade que o índice de 133 de junho deste ano é praticamente igual ao da média de 1949/54 (índice de 132). No entanto deve-se considerar que o índice 100 do janeiro, tomado como base de comparação, corresponde neste ano a um preço mais elevado que os dos anos anteriores, conforme se verificou facilmente no quadro que mostra os preços deflacionados (quadro II).

Portanto, pode-se afirmar que o preço observado em junho foi, realmente, maior que o que seria de se esperar.

Movimento de vendas- As vendas de ovos das 5 maiores cooperativas e da Avisco foram de 824,4 mil dúzias, o que significa uma diminuição de 9,2% em relação ao mês anterior (907,6 mil dúzias).

A evolução das vendas das cooperativas em números índices (quadro IV) mostra que elas foram inferiores às do ano passado e idênticas às realizadas em 1954, quando o índice achado foi também de 64.

Quadro IV

EVOLUÇÃO DAS VENDAS DE OVOS DAS COOPERATIVAS (1)

(Em números índices)

Jan. 1954=100

	Jan.	Fev.	Mço.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ag.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1954:	100	95	101	88	68	64	62	90	84	83	84	97
1955:	80	71	78	78	75	70	70	97	90	96	97	105
1956:	81	79	85	80	70	64						

(1) Dados das cinco maiores cooperativas e da Avisco.

No ciclo anual de vendas (quadro V), verifica-se que o decréscimo do mês de junho foi normal em relação ao movimento de janeiro, pois a queda foi de 100 naquele mês para 78 em junho, praticamente igual a ocorrida na média de 1949/54, na qual passou de 100 em janeiro para 78 em junho.

Quadro V

CICLO ANUAL DAS VENDAS DE OVOS DAS COOPERATIVAS (1)

(Em números índices)

Janeiro=100

	Jan.	Fev.	Mço.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ag.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1949/54:	100	80	90	83	83	79	94	120	118	138	130	125
1955 :	100	89	97	91	94	87	94	120	112	119	120	131
1956 :	100	96	104	98	86	78						

(1) Dados das cinco maiores cooperativas e da Avisco.

Rações: Registraram-se altas apreciáveis nos preços das rações para aves no mês de junho, constituindo a alimentação das aves o item mais elevado do custo de produção de ovos, tal fato poderá refletir um menor lucro para os produtores caso não consigam transferir aos consumidores todo o esse aumento.

 SITUAÇÃO DA PECUÁRIA

Pastagens

Durante o ano atual as invernações de São Paulo estão atravessando o inverno com bom aspecto. Entretanto não há fartura de pasto devido ao forte período de seca ocorrido no verão, época em que é maior a necessidade das chuvas. Registrou-se um intervalo de 30 a 40 dias sem chover, de janeiro a fevereiro deste ano. Os prejuízos desse período não foram recuperados. Mesmo as chuvas abundantes de inverno não proporcionaram desenvolvimento satisfatório do capim.

Gado de corte

É bom o estado sanitário do rebanho. Constataram-se pequenos focos de febre aftosa em Agudos e Bragança

As cotações de gado gordo para o abate sofreram algumas modificações apenas para vacas, carreiros e torunos gordos, que aumentaram de Cr\$ 10,00 por arroba. O boi consumo, vitelo gordo e gado tipo conserva mantiveram suas cotações, em relação ao mês anterior.

Cotações: (Fornecidas pelo Sindicato da Indústria do Frio de São Paulo) Preço de compra por arroba posto frigorífico, até 28 de junho de 1958:

Armour do Brasil S/A
Wilson do Brasil S/A

Bois de consumo	Cr\$ 320,00	Novilhos gordos	Cr\$320,00
Carreiros consumo	" 270,00	Carreiros gordos	" 270,00
Vacas gordas	" 270,00	Vacas e torunos gordos	" 270,00
Gado tipo conserva	" 200,00	Gado tipo conserva	" 200,00
Vitelo gordo	" 300,00	Vitelos gordos	" 300,00

Evolução das cotações

O quadro I mostra a evolução dos preços do boi gordo a partir do ano de 1952. Observa-se que o preço acha-se estacionado a partir do mês de março último.

Quadro I
EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DE BOI GORDO
EM NÚMEROS ÍNDICES. JAN. 1952 (Cr\$150,00)-100

ANOS	Jan.	Fev.	Mço.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ag.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1952	100	90	100	97	93	93	97	10	110	113	113	117
1953	113	110	110	110	111	117	117	117	117	133	133	133
1954	133	132	132	132	132	132	132	140	140	173	173	190
1955	190	183	187	190	190	190	200	207	227	253	253	247
1956	227	320	213	213	213	213						

No quadro II, encontram-se os preços deflacionados de boi gordo. Observa-se que o preço deflacionado de junho (Cr\$ 126,00) decresceu em relação a maio (Cr\$ 128,00) porque o custo de vida passou de 250 no mês de maio para 253 em junho.

Quadro II
EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DEFLACIONADOS DE BOI GORDO (1)

ANOS	Jan.	Fev.	Mço.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ag.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1952	129	118	129	119	114	114	116	124	129	133	133	135
1953	126	118	110	109	112	116	115	115	115	130	131	129
1954	124	121	119	114	114	112	110	115	114	140	138	150
1955	143	138	139	138	136	136	145	145	156	170	170	164
1956	147	136	132	131	128	126						

(1) Preços deflacionados em relação aos índices de custo de vida da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Situação dos abates de bovinos

Quadro III
NÚMERO DE CABEÇAS ABATIDAS EM JUNHO

FRIGORÍFICO	BOI	VACA	VITELÓ	TOTAL	Jan. a Jun.
Armour	22 109	958	498	23 565	116 526
Wilson	18 185	628	305	19 118	109 041
Angle	21 041	700	-	21 741	98 526
Swift	14 089	172	728	14 989	69 698
Sto Amaro	1 934	-	17	1 951	11 796
T O T A L	77 358	2 458	1 548	81 364	405 587

Segundo o quadro III, os abates nos 5 frigoríficos do Estado de São Paulo, atingiram um total de 77 358 cabeças de bois.

Confrontando-se esse número com os correspondentes aos meses de junho dos anos anteriores, constata-se que o abate foi bem inferior. O quadro IV mostra que os abates este mês alcançaram um nível de 89% dos abates médios do período de 1950/54. A situação dos abates em relação a anos anteriores mostra-se portanto em junho em situação pior do que a do mês anterior, de maio, quando os abates atingiram a 97% da média alcançada nos anos anteriores. Confirmando esse aspecto desfavorável dos abates em junho, têm-se o fato de que a queda de junho em relação a maio deste ano não reflete uma modificação cíclica, normal, como estão sujeitos os abates de bovinos em São Paulo. Conforme tra o quadro IV os abates deveriam cair somente no mês de julho e não no mês de junho como ocorreu este e o ano passado.

Quadro IV

ABATE MENSAL EM Nº DE CABEÇAS DE BOI- 5 FRIGORÍFICOS

	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maió.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Média de												
5 anos(1).....	50361	49875	64152	70227	84046	87227	73857	58242	35180	28514	31918	49724
1955.....	59228	46702	77608	85184	87996	83291	61339	51451	32866	25627	32175	41178
1956.....	53055	49858	50720	57325	51887	77358						

(1) Período de 1950 a 1955, com exclusão do ano de 1954 que foi considerado anormal.

As causas de retração nos abates encontram-se provavelmente na retração do consumo face aos altos preços vigentes e nos estoques de carne frigorificada que não teriam sido vendidos devido a essa retração.

Suínos

A engorda de porco não tem mobilizado, no grau que seria de se esperar, o interesse geral dos fazendeiros do Estado, não obstante os altos preços alcançados pelo produto. Nas regiões fronteiriças do Paraná, o abastecimento de porco gordo é feito pelos produtores daquele Estado. Em outras localidades prefere-se vender o milho, que alcança preço ao redor de Cr\$ 3.500,00 o carro.

Situação do abate de suínos

A matança de suínos neste mês ultrapassou as quantidades normais verificadas em anos anteriores.

Quadro V
MATANÇAS NOS 5 FRIGORÍFICOS (JUNHO)

	Armour	Wilson	Anglo	Swift	Sto. Amaro	Total	Jan. a Junho	Jan. a Junho
Nº de cabeças abatidas	4 447	8 284	65	8 118	1 270	22 184	66	230

Durante este mês abateu-se 22 184 cabeças, a metade do total correspondente de janeiro a maio deste ano.

O quadro VI mostra que o mês anterior, de maio, em confronto com a matança média de 6 anos (15 977) foi um mês de matança praticamente normal, tendo os seus abates atingido a 99% dos abates médios desse período. Neste último mês de junho, os abates foram mais elevados, tendo sobrepujado em cerca de 50% a média. Nenhuma comparação convém ser feita nesse sentido em relação ao ano passado que não foi normal nesse período.

Quadro VI
ABATE MENSAL DE SUÍNOS - 5 FRIGORÍFICOS

	Jan.	Fev.	Mço.	Abr.	Maió.	Jun.	Jul.	Ag.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Média de 1950/55	14356	10730	10827	12717	15997	14691	22309	27391	27794	26246	25342	20321
1953	13474	12405	10081	11016	6926	9964	17813	18014	27012	17027	17003	13647
1956	4000	4163	6400	12649	15834	22184						

Cotações:- (Fornecidas pelo Sindicato da Indústria do Frio de São Paulo)

Preço de compra por arrôba posto frigorífico até 28 de junho de 1956.

FRIGORÍFICO ARMOUR S/A

Suínos enxutos, média 70 kg.	Cr\$ 460,00
Suínos gordos, média 75 kg.	Cr\$ 480,00

FRIGORÍFICO WILSON DO BRASIL S/A

Suínos gordos	Cr\$ 460,00
Suínos enxutos 70 kg. acima	Cr\$ 450,00

Registraram-se as seguintes baixas por arrôba em relação a maio p.p. 1)- Cr\$ 10,00 para suínos enxutos e sem alteração suínos gordos do Armour; 2)-Cr\$ 20,00 para suínos gordos e

Cr\$ 20,00 para enxutos do Wilson.

Apresentou o mês de junho cotação média de Cr\$ 470,00, por arrôba de suíno gordo. Conforme mostra o quadro VII, o preço é muito elevado, pois no ano anterior, no mesmo mês de junho, o preço era de Cr\$ 360,00. Em relação aos meses anteriores de março, abril e maio d'êste ano, constata-se pequena queda que se enquadra sob certos aspectos nas flutuações que normalmente ocorrem no mercado nêsse período.

Quadro VII
CICLO ANUAL DOS PREÇOS DE SUÍNOS GORDOS
CRUZEIROS POR ARROZA

	Jan.	Fev.	Mrç.	Abr.	Maió	Jun	Jul.	Ag.	Set.	Out.	Nov.	Des.
1952/55	267	276	286	292	277	282	292	286	297	307	304	316
1955	370	395	390	382	352	360	380	380	390	420	440	450
1956	460	500	500	480	480	470						

SITUAÇÃO DA LAVOURA

Tempo

Caracterizou-se o mês de junho por uma precipitação pluviométrica anormalmente elevada.

A média dessas precipitações em todo o Estado foi de 103,5 mm, tendo ultrapassado, portanto, de 119,2% a média do mês de junho dos anos anteriores, que foi de 47,2 mm.

Foram grandemente prejudicadas as colheitas em andamento, de café, milho, cana, etc. Como a safra de algodão já estava por findar, os danos a ela causados não foram muito avultados nesse mês; todavia, nos meses anteriores o tempo também foi desfavorável a essa cultura.

A incidência das chuvas verificou-se, de modo ge

MÉDIA DAS PRECIPITAÇÕES PLUVIOMÉTRICAS NOS
SETORES AGRÍCOLAS (Em mm)

S E T O R E S	1 9 5 6 (2)			Médias de anos anteriores(1)		
	Abril	Maio	Junho	Abril	Maio	Junho
Araçatuba	106,8	191,0	123,3	55,0	41,0	40,0
Araraquara	92,8	148,9	126,9	64,6	48,1	39,0
Ávaré e Ourinhos	127,3	226,6	113,0	59,2	45,7	53,5
Bauru	108,7	203,3	116,2	59,0	48,0	52,0
Bebedouro	150,2	128,4	78,1	81,0	36,3	28,6
Bragança	78,1	134,1	58,0	74,3	50,0	49,6
Campinas	88,3	118,4	74,1	63,0	47,3	40,3
Capital-Cinturão Verde	99,6	69,1	95,3	114,5	87,2	68,9
Catanduva	98,0	156,4	92,9	73,6	69,6	33,3
Franca	63,5	135,0	61,2	102,0	33,5	25,5
Itapetininga e Itapeva	111,2	179,7	83,8	54,2	44,2	51,2
Jadé	127,6	158,3	97,3	59,7	43,5	48,2
Jundiá	75,5	142,4	116,5	67,7	54,0	42,3
Lins	88,8	156,0	146,8	76,2	54,5	38,0
Marília e Lucélia	100,9	211,0	177,4	63,0	43,6	63,0
Orlândia	149,6	122,5	69,3	85,0	30,0	11,0
Paraguçu Pta.	110,1	198,1	136,4	79,0	67,0	61,0
Piracicaba	...	158,6	63,3	62,0	38,5	42,1
Piraçununga	83,3	120,0	98,9	53,8	39,1	27,1
Pres. Prudente	177,9	208,3	171,9	80,0	67,5	52,0
Rib. Preto	66,6	112,2	62,4	77,1	40,0	29,6
Santos	325,8	185,4	169,3	205,0	131,9	121,7
S. João da B. Vista	65,9	123,3	85,0	70,2	39,0	29,4
S. J. R. Preto e						
Fernandópolis	128,7	186,4	83,6	63,0	28,0	121,7
Taubaté e Lorena	126,7	108,0	85,0	101,8	66,8	18,0
Média do Estado	114,8	155,2	103,5	77,7	51,3	47,2

(1) Média em números variável de Municípios de cada Setor. O período de observação nesses Municípios variou de 4 a 57 anos.

(2) Dados fornecidos mensalmente pelos agrônomos regionais.

ral, na primeira quinzena; no restante do mês os trabalhos de colheita, que estavam bastante atrasados, puderam ser intensificados.

Café

A colheita, que estava praticamente interrompida desde o início das chuvas, reiniciu-se na segunda quinzena do mês, quando então o tempo decorreu favorável a execução dessa operação.

Tiveram os lavradores que realizar diversas "varrições" e mesmo, em muitos casos, repasses no arruamento, pois a umidade favoreceu o desenvolvimento do "mato".

Houve, portanto, um encarecimento da colheita, além da depreciação do produto e das perdas de café por enterramento ou arrastamento pelas águas.

Nas propriedades que possuem secadores mecânicos, a secagem se processou normalmente. O mesmo não aconteceu naquelas que realizam esse trabalho em terreiros, nas quais o café ficou acumulado até o momento em que o tempo melhorou.

O ataque de pragas foi relativamente pequeno, mas notou-se, em varios setores agrícolas, grandes quedas de folhas em muitas lavouras, principalmente nas que apresentavam melhor carga. O fenomeno é atribuído a um distúrbio fisiológico relacionado com as condições climáticas. Apesar disso, o estado vegetativo das lavouras em junho era, de modo geral, bom.

Algodão

Pode-se considerar encerrada a safra de algodão do presente ano, No fim de junho, muitas lavouras que ainda apresentavam alguma produção por colhêr foram abandonadas, pois o preço da operação se elevou e o tipo do algodão era inferior. Em outras, prosseguiu ainda a última catação.

A quebra que as chuvas ocorridas durante todo o período da colheita causaram no volume da produção foi, relativamente às estimativas anteriores, bastante elevada.

No setor agrícola de Presidente Prudente, que é a maior zona de produção dessa malvacea em nosso Estado, essa quebra é calculada em 30%. Nesse setor, segundo os relatórios dos agrônomos regionais, os cotonicultores, tanto proprietários como arrendatários, atravessam difícil situação financeira em virtude dos maus resultados obtidos na exploração.

O arrancamento das soqueiras foi iniciado e alguns lavradores já preparavam a terra para o próximo plantio.

Arroz

O rendimento obtido nessa cultura foi, de modo geral, baixo, principalmente nas culturas "de sequeiro".

Terminou a colheita em todo o Estado. Em fins de junho, no entanto, havia ainda algum arroz amontoado na roça para ser batido, em algumas regiões.

Apesar da produção pouco satisfatória obtida neste ano, há interesse pela cultura, pois os preços estão em ascensão.

O arrancamento das soqueiras e o preparo do solo para o plantio da próxima safra já está em andamento.

Milho

Como no mês anterior, as chuvas ocasionaram estragos no milho que estava amontoado na roça, provocando sua germinação e apodrecimento. Mesmo a parte ainda não colhida fica desvalorizada, pois sofre infestação pelo caruncho, que se processa já na lavoura, com bastante intensidade, em virtude do atraso da colheita.

Em muitas regiões a colheita ainda não terminou, pois tarefas mais urgentes como as colheitas do arroz e café são realizadas em primeiro lugar.

Batatinha

As chuvas abundantes de junho prejudicaram muitas culturas de batatinha.

No vale do Paraíba, esse fato, além de atrasar o plantio, com probabilidade de perda de sementes por excesso de irrigação, provocou a inundação de verzeas, ocasionando perdas variáveis.

O excesso de umidade e ondas de frio em todo o Estado, propiciaram o excessivo ataque de moléstias, causando danos, principalmente nas lavouras mais novas. As culturas de mais de setenta dias ainda tiveram sua produção, em parte, garantida.

Em diversas zonas do Estado ainda se faz o plantio, se bem que em pequena escala. É prevista, contudo, uma quebra nos plantios dos próximos meses, em virtude dos prejuízos sofridos pelos lavradores na anterior safra "das águas", pois há o receio de

que se repita o aviltamento dos preços que então se verificou.

Amendoim

Há grande interesse pela cultura do amendoim, contribuindo para isso não só os preços, que no momento estão elevados, como os maus resultados obtidos na cultura do algodão.

Os lavradores estão retendo o produto da safra "da seca" para a próxima semeadura.

Em Presidente Prudente, a procura de sementes tem sido muito grande e as quantidades existentes não serão suficientes para atender os interessados.

A colheita estava em andamento no mês de junho, dificultada pelo tempo. De modo geral, as lavouras têm apresentado baixo rendimento de produção.

Cana

Grande parte das usinas de açúcar iniciaram a moagem na segunda quinzena do mês de junho. As que já estavam em atividade no início do mês chegaram a sofrer interrupções nos seus trabalhos, pois o corte e o transporte da cana ficaram suspensos em virtude da ocorrência de chuvas.

No entanto, o tempo favoreceu o desenvolvimento das lavouras, principalmente das mais novas.

Servidores do Instituto Biológico encontraram focos de infestação de "carvão" em plantações de uma usina de Piracicaba, mas o estado sanitário das lavouras, em sua generalidade, é bom.

Uva

No setor agrícola de Jundiá iniciaram-se na segunda quinzena do mês os trabalhos de enxertia, realizados em condições favoráveis por estarem os cavaleiros bem maduros e sem brotação extemporânea. Calcula-se que serão enxertados, só na região agrícola de Jundiá, de 600 000 a 800 000 pés sendo que noventa por cento do total será de uva de mesa.

Outras atividades realizadas pelos lavradores com relação a essa cultura foram: adubações, capinas, corte de forragem, troca de mourões e arame, etc.

PREÇOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES
JULHO DE 1956*
EM CR\$.

DELEGACIAS AGRÍCOLAS	A R R O Z		FETIÃO	ALGODÃO EM CAROÇO	MILHO	C A F É		AMENDOIM	MAMONA	DATATA	CEBOLA
	Em casca Sac. 60kg	Beneficiado Sac. 60 kg.	Sacas 60 kg.	Por arrôba	Sacas 60 kg	Em côco Sac. 40kg	Beneficiado Sac. 60 kg.	Em casca Sac. 25kg	Por quilo	Sacas 60 kg	Por arrôba
Avaré (1)	482,60	688,40	625,70	148,70	183,60	751,50	2.203,10	184,20	8,90	333,80	-
Araraquara (2).....	497,50	794,40	722,20	136,30	210,10	808,60	2.373,70	191,00	8,90	317,70	201,80
Bauré (3).....	507,00	766,40	696,80	149,60	226,70	795,40	2.393,10	201,50	7,90	311,00	161,70
Campinas (4)	540,80	840,90	712,40	179,40	233,40	839,00	2.372,20	163,20	-	341,50	185,80
Ribeirão Preto(5)	525,30	799,50	702,20	150,00	211,80	779,40	2.511,40	152,00	9,00	300,00	176,90
São Paulo (6)	448,50	748,00	647,90	-	196,70	680,00	2.304,00	-	-	294,00	141,10
Preço ponderado do Es- tado em julho de 1956.	501,10	781,30	684,70	148,20	210,70	788,80	2.371,60	197,00	8,40	315,00	149,60
Idem em junho de 1956	488,30	773,00	711,20	147,70	204,20	723,30	2.259,00	149,70	6,20	275,50	155,80
" " maio " "	480,30	752,50	702,40	154,10	201,70	724,90	2.260,10	143,40	6,10	257,10	124,90
" " abril " "	439,90	725,90	754,40	142,70	218,40	720,20	2.223,50	149,60	6,40	243,20	116,10
" " março " "	433,80	689,20	769,10	-	232,20	687,50	2.187,80	142,40	5,60	173,20	100,00
" " fev. " "	410,50	675,50	768,50	-	269,30	724,40	2.259,20	126,10	5,00	137,20	82,60
" " jan. " "	374,40	642,00	618,20	-	303,90	665,00	2.062,20	100,10	4,90	151,10	73,20
" " dez. " 1955	389,60	657,90	685,20	-	308,90	694,10	1.977,80	113,80	5,20	240,00	84,70
" " nov. " "	393,50	642,20	774,50	-	285,10	628,40	2.096,30	111,20	4,80	229,50	65,70
" " out. " "	392,90	642,10	650,30	-	243,60	685,10	2.159,00	108,20	5,00	267,70	124,60
" " set. " "	370,10	617,90	596,50	128,50	226,70	702,80	2.210,40	95,80	4,80	221,40	144,90
" " ag. " "	389,80	598,00	522,20	136,50	203,50	716,10	2.249,90	81,00	3,90	200,80	158,00
" " jul. " "	347,00	589,00	423,10	137,10	189,50	616,70	2.020,30	75,60	3,30	220,60	163,70

* Dados sujeitos a revisão posterior.

Notas: (1) Compreende os Setores de: Avaré - Ourinhos - Paraguaçu Paulista e Presidente Prudente.
(2) " " " " : Araraquara- Bebedouro- Catanduva- Fernandópolis e São José do Rio Preto;
(3) " " " " : Bauré- Araçatuba- Jd- Lucélia e Marília;
(4) " " " " : Campinas- Piracicaba- Piraçununga e São João da Boa Vista;
(5) " " " " : Ribeirão Preto- Orlândia e Franca;
(6) " " " " : São Paulo- Dragança Paulista- Itapetininga- Itapéva- Jundiá- Lorena- Santos e Taubaté.

IMPORTAÇÃO DE CABOTAGEM PELO PORTO DE SANTOS, EM 1956
(toneladas)

PRODUTOS	Janeiro a Maio	Junho(*)	PRODUTOS	Janeiro a Maio	Junho (*)
ADUBOS					
Adubos	3 841	299	Banha	453	305
BEBIDAS					
Aguardente	247	112	Batata	-	36
Vinho de mesa	7 405	2 418	Cacau	429	-
Outras bebidas	607	20	Café	-	-
CEREAIS					
Arroz	36 758	13 153	Carne	648	6
Aveia	454	248	Carne de porco	120	-
Cevada	7 731	253	Castanha	104	7
Milho	25 865	-	Cebola	7 502	196
PRODUTOS ANIMAIS					
Cêra de abelha	10	0	Cêco	2 413	602
Crina(an.e veg.)	400	16	Cêco ralado	108	19
Farinha de peixe	248	-	Condimentos	140	288
Peles	177	35	Conservas	4 234	714
DIVERSOS					
Fumo em fôlhas	4 904	1 482	Doces	100	20
FIBRAS E FIOS					
Algodão	16 876	3 198	Ext.tomate	663	32
Caroá	555	449	Far.mandioca	5 908	2 037
Côco	17	-	Farinhas(outras)	1 833	426
Juta	2 819	3 311	Fécula mandioca	1 215	458
Lã	6 810	2 022	Feijão	1 783	-
Malva	534	-	Leite de côco	339	17
Paina	3	-	Lentilha	550	56
Piçaba	629	79	Peixe	240	6
Sisal	2 468	642	Pimenta	144	38
Uacima	137	12	Sal	108 972	40 897
Fios de algodão	2	-	Tapioca	82	6
Fios de côco	3	-	MADEIRAS		
ÓLEOS E Gord.VEGETAIS					
Cêra de carnaúba	17	48	Canela	818	79
Cêra de curicuri	67	17	Cedro	353	38
Manteiga de cacau	36	-	Imbuia	1 650	124
Óleo de babaçu	459	208	Freijó	215	108
Óleo de car.algodão	9 911	1 722	Peroba	136	-
Óleo de côco	216	9	Pinho	11 036	2 456
Óleo de linhaça	1 529	277	Sucupira	10	-
Óleo de oiticica	86	38	Madeirasas(outras)	308	-
Óleo de sassafrás	29	6	PRODUTOS ERVANÁRIA E SEMENTES		
Óleo de tungue	-	-	Alpiste	472	15
Óleo de ucuúba	-	-	Babaçu	4 353	783
Sebo de ucuúba	5	14	Gergelim	278	57
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS					
Açúcar	131 451	9 819	Guarsá	27	1
RESÍDUOS E TORTAS					
TRIGO E FARINHA DE TRIGO					
RESÍDUOS DE ALGODÃO					
Torta de cacau					
Tortas(outras)					
TRIGO E FARINHA DE TRIGO					
Farinha de trigo					
Trigo em grão					

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural com dados do "Diário do Comércio" da Associação Comercial de São Paulo.

(*) Dados suscetíveis de aumento.

 EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR PELO PORTO DE SANTOS, EM 1956
 (Toneladas)

P R O D U T O S	Janeiro a Abril	Maio	Junho
Café (sacas de 60kg) (1)	2' 895 271	741 200	864 130
Algodão em pluma (2)	28 033	27 532	34 945
Algodão lintera (2)	3 230	316	595
Resíduos de algodão (2)	1 969	871	592
Piolho de algodão (2)	-	-	-
Milho (3)	-	-	-
Arroz (3)	-	-	-
Fragmentos de arroz (3)	-	-	-
Amendoim em casca (3)	144	25	38
Amendoim descascado (3)	488	200	-
Mamona (3)	-	-	-
Chá (3)	13	-	34
Fécula de mandioca (3)	1 787	569	330
Óleo de limão (3)	-	-	-
Erva Mate (3)	71	-	-
Laranja (caixas) (3)	70 636	234 592	321 248
Banana (cachos) (3)	2 275 983	786 935	361 895
Açúcar	42	21	...
Banana Flakes (4)	-	-	...
Bambu	-	-	...
Cafeína	58	-	...
Cacau	76	2	...
Carne em conserva	-	-	...
Carne salgada	-	-	...
Cola de ossos	2	-	...
Cérea de carnaúba	42	-	...
Cérea de abelhas	-	-	...
Couros curtidos	-	-	...
Couros de porco curtidos	2 858	715	...
Couros secos e salgados	20	-	...
Crina animal	313	-	...
Farinha de chifres e ossos	-	-	...
Farinha de sangue	-	-	...
Farelo de amendoim	-	-	...
Farelo de babaçu	-	-	...
Farelo de gergelim	14	2	...
Fios de algodão	-	-	...
Fumo em folhas	25	-	...
Glândulas congeladas	339	2	...
Madeirasas	6	-	...
Manteiga de cacau	64	35	...
Mentol	-	-	...
Óleo de amendoim	7	5	...
Óleo de eucalipto	56	6	...
Óleo de hortelã	785	-	...
Óleo de mamona	39	12	...
Óleo de sassafrás	-	-	...
Óleo de tungue	276	66	...
Ossos	214	28	...
Peleas silvestres	353	-	...
Resíduos de fiação	5	-	...
Resíduos de raion	160	-	...
Sangue seco	0	-	...
Tecidos de algodão	-	-	...
Torta de cacau	-	-	...

1) Instituto Brasileiro do café

2) L. Figueiredo S/A.

3) Divisão de Economia Rural

4) Associação Comercial de Santos

IMPORTAÇÃO DO EXTERIOR PELO PORTO DE SANTOS, EM 1956
(toneladas)

P R O D U T O S	Janeiro		P R O D U T O S	Janeiro	
	Maio	Junho (*)		Maio	Junho (*)
ADUBOS					
Clorato de potássio	23 740	1 451	Castanha.	-	-
Fosfato	35 524	-	Cevada	12 438	1 006
Hiperfosfato	-	-	Damasco	40	5
Salitre do Chile	11 168	381	Ervilha	615	223
Sulfato de amônio	9 122	2 475	Extrato tomate	-	-
Sulfato de potássio	1 599	379	Figo seco	-	-
Superfosfato	9 607	3 925	Grão de bico	135	111
Adubo químico n.e.	4 741	3 849	Leite em pó	1 032	38
ARAME E GRAMPOS					
Arame farpado	11 752	1 858	Lentilha	-	-
Grampos para cerca	185	-	Maça	6 874	1 067
BEBIDAS					
Aguardente	36	-	Malte	-	-
Champagne	4	1	Malte-cevada	-	-
Uisque	51	158	Melão fresco	95	-
Vinho de mesa	731	135	Nozes	34	-
Outras bebidas	119	1	Peixe	60	20
FERRAMENTAS					
Enxadas	-	-	Pêra	3 818	197
Foice	4	-	Perú congelado	-	-
Machados	-	-	PGasego fresco	551	3
FIBRAS E FIOS					
Fibra de cânhamo	69	15	Pimenta em grão	24	-
Fibra de linho	456	72	Tâmara	10	-
Fios de algodão	10	-	Uva fresca	1 151	-
Fios de cânhamo	2	4	Uva passa	118	33
Fios de la	1 428	241	ÓLEOS E GORDURAS VEGETAIS		
Fios de linho	-	-	Azeite de oliva	1 251	18
Fios de raion	-	-	Óleo de pinho	12	2
Juta	14	19	MÁQUINAS		
La	-	-	Tratores e pertences	2 873	885
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS					
Alho	1 254	62	Implamentos agrícolas	314	138
Ameixa fresca	789	-	PRODUTOS DE ERVANÁRIA E SEMENTES		
Ameixa seca	407	29	Alpiste	2 304	234
Amêndoa	7	-	Jarina	-	-
Anchova	72	8	Lúpulo	140	15
Azeitona	3 132	971	Palha de Guiné	118	-
Aveia	2 387	484	Sementes de flores	11	-
Avelã	-	28	Sementes de horta	8	0
Bacalhau	4 020	402	PRODUTOS QUÍMICOS		
Batata (e semente)	1 187	-	D.D.T. em pó	156	268
Canela	-	8	Fungicida	230	17
Cravo	0	1	Hexacloroto benzeno	370	119
			Inseticidas	1 312	386
			Óleos essenciais	10	2
			TRIGO E FARINHA DE TRIGO		
			Farinha de trigo	9 544	224
			Trigo em grão	231 445	21 411

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados do "Diário de Comércio" da Associação Comercial de São Paulo.

(*) Dados suscetíveis de aumento

